



Sobre cuspes e perdigotos: Sete gestos contra a necropolítica zumbi no Brasil

Bibiana Serpaⁱ
Clara Meliandeⁱⁱ
Ilana Paterman Brasilⁱⁱⁱ
Julia Sá Earp^{iv}
Paula de Oliveira Camargo^v
Sâmia Batista^{vi}
Zoy Anastassakis^{vii}

RESUMO: Sete mulheres, sete gestos. Em isolamento social durante a pandemia de Covid-19, um grupo de pesquisadoras afiliadas ao Laboratório de Design e Antropologia da ESDI/UERJ se empenharam em buscar compreender como a pandemia e a política vinham afetando suas vidas e suas pesquisas. Ao ler e escrever em conjunto, embora fisicamente distantes, em diversos lugares no Brasil e em Portugal, elas buscavam elaborar sobre corpos como agentes políticos, gestos como barreiras políticas, instintos como ações políticas, buscando compreender o mundo a partir das inusitadas condições estabelecidas por um vírus insidioso. Através das lentes virais, racismo, ação política, escolhas individuais e comportamentos coletivos vêm sendo magnificados, colocando a pesquisa em design, e a própria vida, em novas perspectivas. Qual deveria ser, então, o papel do design, e da pesquisa em design, no turbilhão sanitário e político de nível mundial? Este ensaio não apresenta respostas. Ao contrário, levanta questões e perspectivas sobre como reunir corpos em aliança através da escrita de sete gestos conflituosos.

PALAVRAS-CHAVE: Necropolítica zumbi; Gestos-barreira; Covid-19.

ABSTRACT: Seven women, seven gestures. In social isolation during the Covid-19 pandemic, a group of researchers affiliated to the Design and Anthropology Lab at ESDI-UERJ committed to figure out how pandemics and politics affected their lives and their design research. Reading and writing together from different places in Brazil and Portugal, they try to understand how bodies can be political agents, how gestures can be political barriers, how instincts can be political actions, how the world can be understood under the new conditions brought by a surreptitious virus. Through the virus's lenses, racism, political action, individual choices and collective behaviors are enhanced, bringing design research and life itself into new perspectives. What should be the role of design, and of design research, in political and sanitary turmoil worldwide? This paper doesn't bring answers. Rather, it brings questions and perspectives on how to understand bodies in alliance through the writing of seven conflictual gestures.

KEYWORDS: Zombie Necropolitics; Barrier-gestures; Covid-19.



GESTO 1 | Barreiras^{viii}

Com o início da pandemia de Covid-19, mais especificamente a partir de março de 2020, como um grupo de sete mulheres pesquisadoras em design, buscamos investir, coletivamente, em leituras que nos apoiassem para o enfrentamento existencial da situação que estávamos vivendo – e que tomamos não como “mera” crise, mas como sintoma de uma “mutação ecológica duradoura e irreversível” (LATOURE, 2020).^{ix}

No Brasil, a crise sanitária e ambiental atinge grande intensidade, pois se enreda à tragédia política que acomete o país. Sobreviver, pesquisar e discutir a pandemia, então, não podem ser exercícios apartados da avaliação crítica do cenário político. Afinal, assim como os perdigotos em que o coronavírus se desloca em alta velocidade, a violência que se acelera com a conjugação entre as perspectivas sanitária, econômica, ecológica, política, e, também, afetiva, salta de casa em casa, de janela em janela, de tela em tela, atravessando os nossos corpos, trazendo, para dentro de nós e de nossas casas, a vertigem.

Entretanto, é exatamente em meio à imagem quimérica (SEVERI, 2013) dessa vertigem que encontramos forças para imaginar gestos-barreira - em francês, *gestes barrières* (LATOURE, 2020) contra tudo que já não serve mais nesta civilização viral (VILAÇA, 2020) inoculada pelos europeus desde o início de suas invasões coloniais mundo afora. Associações entre “o modo de nossa sociedade e aquele do vírus” (VILAÇA, 2020, p. 36) foram propostas por Claude Lévi-Strauss (1965, apud VILAÇA, 2020), e, mais recentemente, por Elizabeth Povinelli (2017) e Donna Haraway (2016), dentre outras e outros.

Haraway propõe uma leitura alternativa para o processo de infecção viral, menos relacionada à destruição, mas, sim, às alianças entre os seres e espécies em suas diferenças. Por meio da noção de “viral response-ability” (HARAWAY, 2016, p. 39), ela sugere que o vírus pode ser um meio para experimentações comprometidas com a mutação e a esperança – como faz também Paul B. Preciado (2020). Então, assim como o vírus, que se espalha e se transforma de modo invisível, por meio de uma micropolítica do gesto performativo (MASSUMI, 2017) talvez possamos construir as barreiras contra aquilo que não queremos seguir reproduzindo.

Apostando que a cura e o cuidado só podem emergir de um processo de transformação política (PRECIADO, 2020), politizamos o debate em busca de meios para reimaginar a vida no microbioceno (REES, 2020). Mas que aberturas, pontes, meios de sobrevivência e ressurgência podemos reanimar com esses gestos-barreira? Respirando, nos reunindo, contando histórias, como nos lembra Ailton Krenak (2019), adiamos o fim do mundo.



Temos sido embalados por muito tempo com a estória de que somos humanidade (KRENAK, 2019). Esse excepcionalismo humano que nos cega (TSING, 2015) vem “nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra. Seguindo essa fantasia da supremacia humana, passamos a pensar que a Terra é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade” (KRENAK, 2019, p. 16). Entretanto, enquanto a humanidade vai sendo descolada da Terra, ela, a Terra, vai sendo tomada por um tipo de “humanidade zumbi” (KRENAK, 2019, p. 26) que prega “o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos sonhos” (KRENAK, 2019, p. 27).

Questionando a noção de Antropoceno, Povinelli pondera que o problema não é a marca da humanidade na Terra, mas, sim, o que “um tipo específico de sociedade humana fez e, mesmo aí, classes e raças e regiões específicas de humanos” (POVINELLI, 2017, p. 03, tradução nossa). Uma das figuras elencadas por ela para discutir como opera o “liberalismo tardio” é, mais uma vez, o vírus: enquanto se reproduz através de nossos corpos por meio da mutação, da diferenciação, contrariamente, em nós, o vírus produz um enorme efeito de “in-diferenciação”, borrando as fronteiras entre vivo e não vivo, humanidade e natureza.

Então, se, por um lado, a Covid-19 desconfigura a diferenciação entre a humanidade e a natureza, e isso nos ajuda a imaginar outros modos de estar no mundo que refutem o desenvolvimento; por outro lado, é preciso reagir à despolitização que a des-diferenciação desvelada pelo vírus produz, insistindo em uma micropolítica (MASSUMI, 2017) que amplie os espaços de coexistência em diferença. Afinal, sendo o vírus um mutante, se quisermos resistir à submissão que ele tenta nos impor, nós, também, precisaremos transformar a mutação forçada em mutação deliberada (PRECIADO, 2020).

Combinando os conceitos de necropolítica (MBEMBE, 2018) e humanidade zumbi (KRENAK, 2019), observemos, então, algumas situações, buscando distinguir como, nelas, a necropolítica zumbi que se potencializa com o vírus opera. Ao mesmo tempo, atentamos para a micropolítica do gesto performativo que se pretende afetiva, relacional, mutuamente inclusiva e comprometida em produzir graus mais altos de copossibilidades (MASSUMI, 2017). Investindo, assim, na imaginação de mundos conformados por companheiros mutuamente prósperos (TSING, 2015), reunidas, lançamos aqui os nossos gestos-barreira.

GESTO 2 | Cusparada ^x

Em 2016, na votação do *impeachment* que tiraria do cargo a primeira presidente mulher do Brasil, Dilma Rousseff, o então deputado federal Jair Bolsonaro proclama seu voto



elogiando Brilhante Ustra, conhecido torturador na ditadura militar brasileira dos anos 1960-80. Ustra foi responsável pela tortura da própria Dilma Rousseff, durante seus anos de combate clandestino contra o regime militar. O próximo deputado a votar é Jean Wyllys, membro da bancada de esquerda e ativista LGBTQI+.

Retornando ao seu lugar, Wyllys recebe um xingamento proferido por Bolsonaro. Wyllys se levanta e cospe na cara de Bolsonaro, projetando sua saliva em direção ao deputado. "Olhei e vi que era ele, aí fui tomado por um transe, aquela figura me enojava tanto, que foi a reação que eu tive. Eu jamais cuspiria na cara de uma pessoa em condições normais, mas era um acúmulo de xingamentos, de anos de assédio moral, de violência contra mim, de tudo. Naquele dia, foi demais e eu explodi" (ÚLTIMO SEGUNDO, 2019).



Figura 1: O ex-deputado Jean Wyllys cospe em Jair Bolsonaro. Fonte: Alan Marques/ Folhapress.

Em abril de 2020, o agora presidente Jair Bolsonaro visita o comércio de uma cidade na periferia de Brasília. Entra em uma padaria. Forma-se uma fila para tirar fotos. Não é sempre que se encontra um presidente no comércio da esquina. Alguns ainda mantêm a máscara no rosto; outros retiram a proteção para conversar e posar ao lado do chefe de Estado. Bolsonaro pára para comer um salgado com refrigerante; puxa conversa com funcionários e aperta a mão de apoiadores. Ninguém da sua comitiva, ele incluído, usa máscara (SCHUCH, 2020). Estávamos no início da curva de ascensão de contágio por Covid-19. Isolamento social e uso de máscaras já eram o protocolo recomendado pela OMS.



Algumas semanas depois, uma jornalista se dirige ao presidente: “A gente ultrapassou o número de mortos da China por Covid-19”. Ele responde: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, se referindo a um de seus nomes (CAMPOREZ, 2020).

De acordo com Brian Massumi (2017), micro e macropolítica não são modos opostos de ação e, muito menos, escalas de atuação. A micropolítica seria um correlato do macropolítico em que o modo de ação é processual, não moral. Ela (a micropolítica) é a prática política do gesto performativo. Durante a campanha eleitoral, Bolsonaro vendeu a ideia de que renovaria a política: sem alianças em troca de votos no Congresso. Passados quase dois anos de governo, a promessa de campanha não se concretizou. No auge da crise institucional, novas alianças políticas foram feitas. No entanto, um elemento da campanha mostrou-se fundamentado: Bolsonaro apresenta, à sua maneira, uma política “renovada”. Mas o que há de diferente em seu modo de governar?

Ele se recusa a se submeter às convenções do cargo de presidente e fala em nome próprio – não está filiado a nenhum partido político desde novembro de 2019; não representa instituições. Raramente faz pronunciamentos ou concede entrevistas; prefere se comunicar em seus canais pessoais nas redes sociais. Nas poucas vezes em que se sujeita a perguntas de jornalistas, frequentemente os interrompe de forma abrupta, quando colocado diante de questões mais delicadas. Bolsonaro não faz questão de ser claro. Diz e desdiz. Como se fosse um jogo de palavras.

A intenção de borrar o que é real – que é fato ou ficção, é estratégia deliberada de desinformação. Foi usada primeiro nas redes sociais mas se estende às falas do presidente. Inspirado claramente por Donald Trump, a estratégia de “*Flood the zone with shit*” tem como mentor Steve Bannon (VOX, 2020). Hal Foster (2019) defende que, em nosso atual momento, “precisamos insistir na verdade e na realidade” (FOSTER, 2019). Segundo ele, a direita assumiu que, se tudo é construção, tudo é ficção, então vale tudo, qualquer coisa pode ser dita.

Precisamos ficar atentos à falsa simetria entre os atos narrados na cena da votação do *impeachment*. Enquanto defendia torturadores e perseguia os representantes das minorias no parlamento, como o ex-deputado Jean Wyllys, Bolsonaro praticava uma forma virulenta de micropolítica, advogando em favor de posturas violentas contra seus opositores. Tendo encontrado respaldo nas urnas, ele se utiliza da performatividade da micropolítica nas esferas máximas de poder, transformando seus gestos individuais em necropolítica. Já Wyllys, mesmo reeleito deputado federal, se viu forçado ao exílio após receber uma série de



ameaças de morte. O cuspe no opositor foi um gesto instintivo praticado na impossibilidade do diálogo, um ato de resistência à banalização da violência.

GESTO 3 | Necropolítica ^{xi}

Até 7 de dezembro de 2020, mais de 176 mil mortes foram oficialmente contabilizadas em decorrência do novo coronavírus no Brasil.

Em 14 de março deste mesmo ano, o governador Wilson Witzel (afastado do cargo desde 28 de agosto) decretou que comércio, escolas e diversos espaços públicos do Estado do Rio de Janeiro fossem fechados. No dia seguinte, foi publicado decreto pelo governador do Estado de São Paulo, João Doria, com conteúdo semelhante, o que subseqüentemente também aconteceu em outros Estados do país. Abriu-se assim, uma dissidência frente às políticas de enfrentamento à Covid-19 que (não) estavam sendo adotadas pelo presidente Jair Bolsonaro naquele momento.

No Rio de Janeiro, a vontade (política) de contenção do vírus e, posteriormente, de distanciamento (político) do Presidente da República foram surpreendentes. Witzel, aliado de Bolsonaro na disputa eleitoral, se elegeu governador indetectado pelos institutos de pesquisa. Sua estratégia vitoriosa passou por mensagens de *WhatsApp*, *timelines* do *Twitter* e grupos de *Facebook*. Ele era o candidato dos “valentões”, daqueles que denunciavam em plataformas virtuais o “mimimi” pelo assassinato da vereadora Marielle Franco – mulher, negra, mãe, lésbica, socióloga, defensora dos direitos humanos e das minorias políticas, e uma figura pública de grande força mobilizadora. Marielle foi assassinada em 2018. O carro em que ela estava levou treze tiros. Quatro deles acertaram sua cabeça, e três acertaram as costas de Anderson Gomes, motorista do veículo. Quatro tiros na cabeça. “Mimimi”.

Entretanto, em 2018, Bolsonaro e Witzel, então aliados políticos, venceram as eleições com discursos que reproduziam ideias alinhadas à ultra-direita brasileira, tais como “mas, afinal, quantos policiais perdem a vida todos os dias para defender as ‘pessoas de bem’ dos bandidos?”, “direitos humanos para humanos direitos” etc.

Uma placa de rua com a inscrição “Rua Marielle Franco”, uma homenagem simbólica à luta política da vereadora assassinada, foi partida ao meio pelo atual deputado Rodrigo Amorim, então aliado político de Witzel, em um dos últimos comícios de que este participou antes de sua eleição em outubro de 2018. Bolsonaro estampava a camisa de Amorim. Esta imagem representa a disputa ideológica que marcou o processo eleitoral no Brasil naquele ano.



Figura 2: Rodrigo Amorim, deputado estadual mais votado do Rio, com a placa com o nome de Marielle Franco quebrada, e Wilson Witzel, então candidato a governador do Rio pelo PSC em comício no dia 30 de setembro de 2018. Fonte: Reprodução Jornal O Globo, 8/10/2018.

Entretanto, apesar do passado de aliança política, no momento da adoção de medidas de contenção ao contágio pelo novo coronavírus, em março de 2020, a disputa de narrativas entre Bolsonaro e Witzel se acirrou. Apesar de seu histórico político, Witzel sancionou a implementação de medidas de isolamento social que iam contra as ações da presidência de enfrentamento ao vírus. Enquanto isso, Bolsonaro seguia descumprindo grande parte das recomendações da Organização Mundial de Saúde – tais como, por exemplo, o uso de máscaras (FSP, 05/07/2020) e o próprio isolamento social, que ele quebrou indo a diversas manifestações em seu apoio.





Figura 3: Jair Bolsonaro solta perdigotos ao discursar no dia 27 de março, sem máscara, em meio à pandemia de Covid-19. “O Brasil não pode parar”. Foto: Joédson Alves/EFE.

O desrespeito de Bolsonaro em relação à adoção de medidas de prevenção do contágio é ilustrativo da necropolítica zumbi em curso no Brasil, que vem se delineando desde muito antes da crise da Covid-19. O uso de máscaras, o distanciamento social, as denúncias à crise sanitária e ambiental, comumente chamados por Bolsonaro e seus seguidores de “mimimi”, “gripezinha”, “coisa de maricas” e afins, consiste numa política estruturada, que tem no discurso de ódio e na morte alguns de seus instrumentos de poder. A crise da Covid-19 vem, assim, reforçar uma outra epidemia estrutural e duradoura: o extermínio de corpos negros (e indígenas, como apresentaremos no Gesto 4, em seguida) no país. Essa epidemia matou Marielle em 2018, e segue matando em 2020.

Cleonice | Cleonice Gonçalves, empregada doméstica, foi a primeira vítima confirmada de morte pelo coronavírus no Estado do Rio de Janeiro. Ela tinha 63 anos e morreu em março, em sua casa, no município de Miguel Pereira. De acordo com o site G1, “a morte de Cleonice foi no dia 17 de março, mas a confirmação foi dada apenas no dia 19. O enterro foi feito no dia 18, com o corpo enrolado em plástico e caixão fechado” (G1, 19/05/2020). Antes da morte de Cleonice, sua empregadora também havia testado positivo para a doença, ao retornar da Itália (G1, 27/03/2020).

João Pedro | João Pedro Mattos Pinto, 14 anos, morreu em maio de 2020, dentro de casa, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro (G1, 20/05/2020). Foi atingido por um tiro disparado pela polícia durante uma operação em sua comunidade. Antes de morrer, ele mandou uma mensagem de *WhatsApp* para sua mãe: “Estou dentro de casa. Calma.” (G1, 25/05/2020). João Pedro nunca mais enviará mensagens de *WhatsApp*. Nem os corpos mortos por Covid no Brasil.

Miguel | Miguel Otávio de Santana, 5 anos, filho de Mirtes Renata Souza, morreu em junho de 2020, no prédio em que sua mãe trabalhava como empregada doméstica (G1, 05/06/2020). A patroa, Sarí Corte Real, apesar das recomendações de isolamento social, não respeitou o período da quarentena de Mirtes, bem como o da manicure com quem fazia as unhas no momento da morte do menino. Mirtes Renata saiu para passear com a cadela da família, o que fazia parte de suas atribuições, deixando o filho no apartamento, no quinto andar do edifício Píer Maurício de Nassau (Recife, PE) aos cuidados de Corte Real. Miguel tentou encontrar sua mãe, entrou sozinho no elevador, observado por Sarí Corte Real, e morreu ao cair do nono andar, de uma altura de aproximadamente 35 metros (EXTRA, 4/06/2020).



A cadela e Corte Real seguem vivas e em liberdade.

Emilly e Rebecca | As primas Emilly Victoria da Silva Moreira Santos, de 4 anos, e Rebecca Beatriz Rodrigues Santos, de 7 anos, morreram vítimas de um tiroteio em Duque de Caxias nos primeiros dias do último mês de 2020. De acordo com familiares, as crianças "brincavam em frente ao portão de casa, na comunidade do Barro Vermelho, em Gramacho, quando aconteceu o tiroteio. Avó de Rebecca e tia de Emilly, Lídia da Silva Moreira Santos conta que viu policiais atirarem da viatura em direção à rua e que não houve confronto com criminosos. Segundo ela, a mesma bala atingiu as duas crianças" (O GLOBO, 5/12/2020).

Cleonice, João Pedro, Miguel, Emilly e Rebecca têm em comum os fatos de serem negros, pobres, e de terem morrido durante a pandemia de Covid-19 no Brasil – embora nem todos diretamente pela doença.

Somos corpos. "Não há política que não seja uma política dos corpos" (FOUCAULT *apud* PRECIADO, 2020). Para Preciado, a afirmação acima, de Michel Foucault, é a coisa mais importante que o filósofo francês tinha a ensinar: que "o corpo vivo (e, portanto, mortal) é objeto central de toda política" (PRECIADO, 2020).

A curva da Covid-19 ascende, descende, ascende novamente, num gráfico constante. Corpos seguem morrendo diariamente por Covid-19 (ou por causas relacionadas, como foi o caso do menino Miguel), mas ainda temos como resposta aos mais de 176 mil corpos que se empilham diariamente o "e daí, lamento" bolsonarista que comentou as primeiras 5 mil vidas perdidas num aparentemente longínquo 28 de abril de 2020 (G1, 28/04/2020).

Entre os corpos em quarentena e aqueles que circulam, estão os corpos negros mortos da empregada doméstica Cleonice, de João Pedro em sua casa, de Miguel sozinho no elevador, de Emilly e Rebecca no portão de casa. Corpos políticos em movimento. Todos, inclusive os numerosos mortos pela Covid-19 do Brasil.

Será o asco humano-animal-político (MASSUMI, 2017) capaz de mover corpos em direção à luta, e de combater a inércia face às notícias que se sobrepõem – assim como os corpos dos mortos – no Brasil? E se esse asco puder gerar as reações instintivo-corporais-animais que se materializam em cuspes na cara lançados contra os perdigotos de todos os dias?

GESTO 4 | Céu e terra^{xii}

Em 2017, o xamã Yanomami Davi Kopenawa nos advertiu: "se uma pedra cair em outro país vai cair também aqui. Se cair em São Paulo muita gente vai morrer. Nós Xapiri estamos



aguentando a onda da terra (...) Xapiri é mensagem para todo o povo da terra aprender" (Seminário Histórias Indígenas, MASP, 23.6.2017). Habitar a mesma terra coberta pelo mesmo céu dos Yanomami em pleno 2020 deveria ser motivo de escuta e reflexão sobre o caminho a que o sistema de desenvolvimento extrativista nos tem levado. Pelo menos era assim que alguns otimistas vislumbravam no início da pandemia: uma possível onda conscientizadora que iria nos reconectar com o senso de comunidade e a importância das florestas. Após um ano pandemônico temos que admitir que muitas expectativas foram quebradas.

Em setembro de 2019, no traslado realizado através da BR-163 para a terra indígena Kayapó Mekragnoti, era possível sentir o cheiro e a densa fumaça de árvores e animais que seguiam queimando após um mês do conhecido "dia do fogo", crime ambiental promovido por apoiadores do presidente Jair Bolsonaro a partir da convocatória via *Whatsapp*. Um dos primeiros atos que explicitaram o que segundo Aparecida Vilaça seria "um projeto de extermínio às culturas indígenas" (VILAÇA, 2020). Naquele momento, pela primeira vez, o dia virou noite em São Paulo, e a imagem do céu anoitecido por fumaça das florestas em chamas tomou os noticiários do mundo inteiro. Uma situação até então inédita. No entanto, em 2020 a fumaça retornou desta forma e de outras mais.

O modo como o governo Bolsonaro vem se apropriando da pandemia apenas confirma que a Covid-19 vem sendo tratada como um complemento aos grileiros, ruralistas e garimpeiros que seguem suas atividades ilícitas, inspirados pelo próprio ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que, em reunião ministerial do dia 22 de abril, ressaltou, em sua fala, o "momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só se fala de Covid", propondo, então, que seria propício "ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas" (G1, 22/052020). É neste sentido que o mecanismo de extermínio das florestas para a multiplicação de pastos e plantações de soja vem sendo posto em prática, a toque de caixa, em violentos gestos contra a floresta e seus povos.

Atingimos as maiores proporções de áreas devastadas por incêndios na história do Brasil. Estima-se que, em relação a 2019, o aumento seja de 200% (INPE, 2020). O cerco parece estar se fechando, e como ponto de fuga ou de contenção vale resgatar o que Bruno Latour (2020) nos trouxe recentemente para lidar com a realidade pandêmica: "gestos-barreira". Possibilidades de escape ou proteção para não retornarmos ao mundo que nos colocou aqui. Entretanto, nesse ponto, esvaziadas de inspirações recentes no campo das realizações, retomamos gestos de lideranças indígenas ao vislumbrar nestas cenas gestos políticos que extrapolam os espaços normativos de uma política polida por uma ética inibidora de corpos e multiplicadora de monoculturas. Nestes gestos, enxergamos a



potência que Massumi (2017) elabora nas possibilidades da fuga dos corpos controlados e castrados, vislumbrando as possibilidades destes gestos enquanto performances que viabilizam uma micropolítica que reverbera no corpo político estatal.

Em 1988, Ailton Krenak subia ao palanque da Assembleia Constituinte para discursar. Com a voz serena e firme, denunciou a ignorância e ganância responsáveis pelo sofrimento dos povos indígenas, enquanto espalhava sobre seu rosto uma tinta negra e pastosa de jenipapo. Esta famosa cena marca os avanços jurídicos pelos direitos indígenas em prol das demarcações territoriais.



Figura 4: Frames do discurso realizado por Ailton Krenak no dia 04 de setembro de 1987.^{xiii}

Um ano depois - e sem necessária conexão direta - o projeto da hidrelétrica "Kararaô" era apresentado para aqueles que teriam suas vidas impactadas pelo novo projeto energético do Brasil. Tuíre, liderança feminina Kayapó, em um ato de confronto com as ideias apresentadas pela Eletronorte, pressionou seu facão contra o rosto de José Antônio Muniz Lopes, então diretor da empresa. O gesto contribuiu para o atraso do projeto de Belo Monte por mais de vinte anos. A foto foi publicada como capa da revista *Manchete*, no dia 11 de março de 1989.

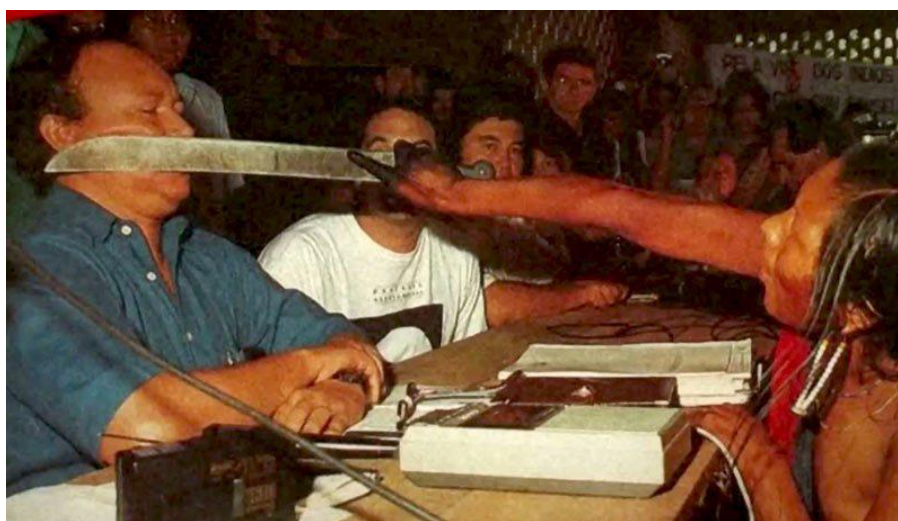


Figura 5: Foto que registra o momento do gesto-político de Tuíre, utilizada como capa da Revista *Manchete* de 11 de março de 1989.



São gestos estético-políticos, gravados em cenas, vídeos e arquivos digitais que nos permitem retornar a eles sempre que nos falte a força para imaginar e acreditar nos paraquedas coloridos de Krenak (2020), pois acima de tudo o que conforma esses gestos são estórias. Quase trinta anos depois do discurso de Krenak em Brasília, presenciando o acelerado avanço do vírus e dos garimpos em suas terras, Dário Kopenawa avisa: “Estamos acompanhando a doença Covid-19 na nossa terra e muito tristes com as primeiras mortes dos Yanomami. Nossos xamãs estão trabalhando sem parar contra a xawara. Vamos lutar e resistir. Para isso, precisamos do apoio do povo brasileiro” (ROMAM, 2020). Os xamãs Yanomami seguem segurando o céu, compartilhando feitiços para que todos os humanos não vejam o céu cair mais uma vez. E nós? Que tipo de "xamanismo" podemos fazer para combater a política de extermínio à diversidade? Que gestos poderiam ser mais efetivos que estudos científicos ou imagens de satélites da NASA para comprovar o caminho autodestrutivo pelo qual enveredamos? Seguimos nas micropolíticas dos gestos.

GESTO 5 | Grito^{xiv}

No começo eram as panelas. Confinadas ao lar, vítimas de uma crise sanitária e de um governo zumbi necropolítico, sem perspectiva ou reação, no começo, eram as panelas. Bater panela é uma ação política privativa e, portanto, permitida pela OMS, cuja recomendação é de isolamento físico, já que ainda não há vacina para o novo coronavírus. Assim, em segurança, você bate panela na sua janela, eu bato panela na minha e, juntos, expressamos publicamente nossa fúria, silenciando qualquer outro barulho que não seja o das nossas panelas (Figura 6) – inclusive o ruído de fome que (não) se ouve das panelas que repousam nos lares pobres, vazias, ou o barulho de tiros das operações policiais que continuam nas favelas no Rio de Janeiro.

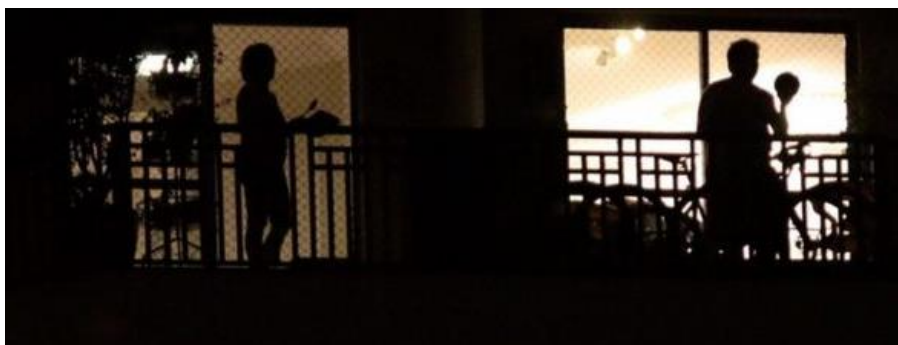


Figura 6: Moradores batem panelas nas varandas. Fonte: Thiago Bernardes (BBC News Brasil).



Dissociado de voz, o som estridente do bater panelas não provoca trocas reais entre os corpos vivos e aflitos. O som que sai da panela que bate sozinha não coletiviza, é radicalmente individual, branco e rouco. Esse gesto não serve como despacho porque não é oferenda.

Oferenda é dádiva. Na teoria antropológica, a dádiva é reconhecida pela tríplice obrigação de dar, receber e retribuir. É um sistema complexo de troca e de constituição de alianças (MAUSS, 2003). Não é possível fazer qualquer enfrentamento ao governo e seu exército de zumbis sem pensar quais "estratégias de emancipação cognitiva e de resistência" (PRECIADO, 2020) conformam nossas lutas. É necessário, então, restabelecer nossas práticas associativistas e comunitárias a partir da dádiva.

Se o ato de bater panelas não está vinculado ao sistema de dádivas, é preciso romper com o espaço normativo imposto pelas janelas e nos entregar à coletividade das ruas. Quando os corpos negros organizam-se em protesto, em plena ascensão da curva de contágio da Covid-19, para dizer "VIDAS NEGRAS IMPORTAM", somos tomados – os corpos vivos – por uma obrigação coletiva de doação (Figura 7). Esse entendimento não vem da racionalidade, que nos informa dos perigos do contato e das aglomerações em tempos de pandemia. Mas a urgência do fato é tal que o grito coletivo não pode esperar e vence o sufoco das máscaras para se fazer ouvir. Na política dos corpos vivos, o compromisso é se deixar afetar, receber e retribuir. Estes corpos vivos, que vão às ruas, mascarados, doam-se à luta; e, porque estão em luta, atuam na prática do cuidado de si e dos outros, não só para se proteger do coronavírus, mas, sobretudo, para enfrentar o exército zumbi.





Figura 7: Manifestantes em protesto “Vidas Negras Importam” no Rio de Janeiro.
Fonte: Mauro Pimentel (Jornal do Comércio).

Operando na dádiva, nos vemos em um emaranhado de reciprocidades de caráter interpessoal, corporal e presente. Colocando-se em movimento, os corpos vivos em relação copossibilitam a ação um do outro, fazendo ressoar a mensagem e vibrar a matéria viva. Obviamente, nem todos os corpos se deixam entusiasmar: os corpos zumbis parecem ter um único compromisso: esmagar a esperança que irrompe em meio às nossas lutas (Figura 8).



Figura 8: Policiais militares pisam em faixa onde se lê: vidas negras e faveladas importam.
Fonte: Naldinho Lourenço (Maré Vive).

Diferente do gesto inosso de bater panels, o gesto ético-estético dos corpos entusiasmados proclamam uma política relacional. Estes corpos, conformados em um sistema de dádivas estabelecido entre coletividades, e não entre indivíduos, compartilham o entendimento da gravidade da pandemia. Ainda assim, colocam-se na rua, confiantes da responsabilidade compartilhada e assumida entre aqueles que ali se juntam para enfrentar a necropolítica, com objetivo de que ninguém corra risco iminente de vida, seja por vírus, por melanina ou por ataque zumbi.

Ao pensar nos gestos-barreira como materialização da dádiva, permitimo-nos ultrapassar a antítese entre o eu e o outro, entre obrigação e liberdade, entre o corpo e a mente. No despacho contra o carregamento colonial, a oferenda é fenômeno de circulação de dádivas. Na



dáviva, participam a obrigação e o interesse, mas, também, a espontaneidade, a solidariedade, a criatividade e o cuidado. As trocas cerimoniais das dádivas carregam sons com muitas vozes, memórias, intenções; formam vínculos transituacionais num movimento de negociação constante a serviço de novas alianças e fortalecimento de relações-associações. O sistema de dádivas opera na política afetiva contra a necropolítica zumbi.

GESTO 6 | Resistência^{xv}

Em "Aprendendo com o vírus", Preciado (2020) sugere que a vigilância, antes arquitetônica, adquire na pandemia um aspecto imaterial e onipresente. Conclui com um chamado para a rebeldia: desliguemos os celulares e a *internet*.

A ubiquidade tecnológica parece não somente nos vigiar; ela nos retira do corpo. No processo hipermediado de telas bidimensionais, achatamos a vida e a espessura das relações. E, assim, perdemos as ligações com o mundo. Os sentidos são hipotrofiados, à exceção da visão, que não é do corpo, mas do desenho bidimensional deste corpo (SEGATO, WRIGHT, 2020).

Tanto se discursa, hoje em dia, que o humano se encontra "fora" do mundo, "fora" da natureza, e que é necessário voltar a pertencer. Seria a recuperação da percepção com o "mundo de fora", através dos sentidos, uma possibilidade de retorno? A perda do paladar é um dos principais sintomas da Covid-19. A sociedade que hipotrofia este sentido também transforma animais em formas geométricas, congeladas. Perde-se a dimensão de que aquele animal morreu para nos fazer viver. Dissocia-se a comida da morte.

Em paralelo, parece haver políticas de morte, e corpos cujas mortes são tão desejadas que passam despercebidas. Esta é a realidade dos povos negros e indígenas no Brasil, que convivem com um racismo estrutural destruidor de subjetividades, provavelmente o caso mais bem-sucedido do projeto colonial neste país. Porém, "o corpo objetificado, desencantado, como pretendido pelo colonialismo, dribla e golpeia a lógica dominante" (RUFINO, SIMAS, 2018), manifestando-se nos terreiros, espaços de resistência de culturas e religiões afrodiáspóricas. Localizados em áreas periféricas, habitados por plantas e animais a serem mortos para a alimentação de humanos e deuses, são lugares onde várias racionalidades coexistem, e onde, apesar das premissas coloniais de associação da raça à classe (QUIJANO, 1999), e da manutenção de uma desigualdade social cruel, as panelas estão sempre cheias. Todos que ali chegam recebem um farto prato de comida.



Figura 9: Terreiro Rumpaimé Hevioso Zoonokum Mean, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro.
Foto: Ilana Paterman Brasil

No terreiro, observamos os mais velhos e repetimos seus gestos. Dançamos com eles em círculo ao som de tambores. Alguns mais velhos matam galinhas e retiram suas penas. Ceifamos as partes articulares destes corpos quentes, que até então habitavam o terreiro, e que cederam a vida para nós. Saboreamos a comida destinada aos humanos, que transborda de grandes panelas. E, de vez em quando, cuspiamos sobre a comida a ser oferecida aos deuses, em troca de um pedido. Pedimos, cuspiamos e oferecemos. Acreditamos que tal gesto possa comunicar, pelo cuspe que sai de nossos corpos, quem os presenteia.

Enquanto o atual governo parece ignorar – e fortalecer – pautas de racismo e intolerância religiosa, as práticas afrodiáspóricas sobrevivem e festejam a vida, contrariando a domesticação e a castração de subjetividades. São gestos políticos que promovem o entusiasmo do corpo (MASSUMI, 2017) em um cotidiano farto de danças, toques, sons, cheiros e sabores. Nos terreiros, espaços que resistem a duras penas à cultura dominante, e que sofrem ataques até os dias de hoje, é possível nos reconectarmos com o corpo e com o mundo, através de gestos e sentidos.

GESTO 7 | Encontros^{xvi}

Era janeiro de 2020. O avião atravessou 2.453 km, deixando o Rio de Janeiro para trás e aterrissando em Belém, norte do Brasil. Havia uma nova casa para organizar e uma



pesquisa de doutorado em design para fazer. Enquanto isso, as pessoas estavam ficando doentes no outro lado do mundo, e um número crescente de mortes era noticiado diariamente. Foi um grande alívio estar tão longe.

Fevereiro chegou e a doença atravessou o Atlântico. Em março, alcançou Belém. O distanciamento social começou para nós, e a vida considerada como normal, parou. Da janela, era possível acompanhar o movimento dos trabalhadores considerados "essenciais". Ao contrário de muitos, eles não puderam parar durante a pandemia. Eles são o que Povinelli (2017) chama de "último reduto da vida", consumidos pelo "agressivo morto-vivo em decomposição", a necropolítica (MBEMBE, 2018) zumbi brasileira. Como uma espécie de "Não Vida" que se alimenta da energia da verdadeira "Vida", a necropolítica zumbi é regida pelo Capital, que "vê todos os modos de existência como se fossem vitais e exige que nem todos os modos de existência sejam os mesmos do ponto de vista da extração de valor" (POVINELLI, 2017). "Se ficar todo mundo em casa, a economia entra em colapso", afirmava o Ministro da Economia (ARAÚJO; TEMÓTEO, 16/03/2020). Ao mesmo tempo, o colapso funerário em Belém tornava-se iminente (PONTES, 2020).



Figura 10: Colapso: com a câmara frigorífica lotada, corpos são deixados no chão, à céu aberto, na área do IML de Belém — Foto: Álvaro Ribeiro/Tv Liberal

Grande parte desses trabalhadores vivem na periferia da cidade, onde deveria acontecer a pesquisa de campo para o doutorado, junto a um grupo de jovens do bairro da Terra Firme. Antes da pandemia, esse grupo narrava a realidade de pobreza e violência de sua comunidade por meio de expressões artísticas diversas (OLIVEIRA, 2019).



Figura 11: Jovens do projeto Cineclube Tf reunidos na casa da professora Lilia Melo para planejamento de ações artísticas. Foto: Estúdio Tereza e Aryanne.

Naquela época, o que motivava a violência e o número crescente de mortes em seu bairro eram as disputas entre policiais e a milícia sobre o tráfico de drogas (MENEZES, 2017). Em tempos de Covid-19, não há mais tiros de bala perdida, mas, também, não há camas em hospitais; não há remédios; não há auxílio financeiro para os que perderam suas rendas, não há saneamento básico (CANCIAN; LADEIRA, 2019) - que permita seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde - e não há covas para enterrar os mortos (G1 PA, 24/04/2020). Há apenas restos humanos, em catabolismo causado pelo momento patogênico atual (MBEMBE, 2020). A "vítima-padrão" do vírus no Brasil está na periferia das cidades: são homens, pobres e negros (SOARES, 03/07/2020). São também os pais, os irmãos e amigos daqueles mesmos jovens que agora tentam denunciar pela *internet* mais uma violência do Estado: a do abandono.

Mesmo distanciados, precisamos manter contato. Em nossas telas, fica claro o abismo entre nossas classes sociais. Enquanto aqui há uma estante de livros ao fundo da imagem, atrás deles há paredes de madeira ou tijolo. Desde uma "*soft prison*" ultra-conectada e adaptada ao teletrabalho (PRECIADO, 2020), o privilégio de classe-média permite a alguns de nós permanecer em isolamento e, também, ler Latour (2020), para imaginar gestos-barreira contra a vida como era antes.

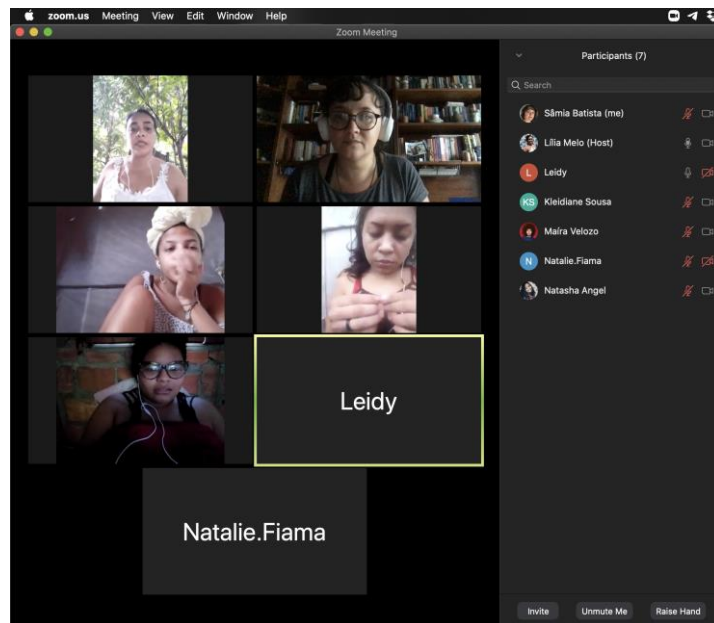


Figura 12: Reunião online com os sujeitos da pesquisa de doutorado. Foto: Sãmia Batista.

Os interlocutores dessa pesquisa, por sua vez, precisam criar seus próprios gestos-barreira contra a morte (CISCATI, 2020). Músicas gravadas com seus próprios fones de ouvido baratos; filmes produzidos em câmeras de seus aparelhos celulares, campanhas *online* de arrecadação de mantimentos e itens de higiene: formas tecnológicas de responder à pandemia na periferia (SILVA, 2020). Enquanto não estamos juntos, continuamos a organizar formas de mobilização, mesmo remotamente. À distância, nos abraçamos. Mas só através de *emojis*.





Figura 13: Entrega de mantimentos da campanha de arrecadação realizada pelos jovens da Terra Firme. Foto: Acervo Cineclubes TF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS^{xvii}

Antes de concluir, lembremos como é tudo mesmo muito diferente: os perdigotos que saem da boca de Jair Bolsonaro, temperados com pulção de morte e voracidade zumbi, são bastante distintos do gesto de Jean Wyllys em direção ao atual presidente do Brasil. Neste caso, a cusparada pretende-se como um gesto-barreira contra a persistência da necropolítica viral que se reanima em toda a performatividade bolsonarista.

Poderíamos, então, destacar três tipos de gestos políticos em choque: (1) os virais, (2) os aliados aos da necropolítica zumbi, e (3) os gestos-barreira, aos quais nos vinculamos. Propomos esses gestos contra-coloniais (RUFINO; SIMAS, 2018) a partir da observação de diversas situações, acima apontadas, em que uma necropolítica viral e zumbi se acelera no microbioceno (REES, 2020). Recontando essas histórias, tal como sugere Ailton Krenak (2019), nos capacitamos para adiar, um pouco mais, o fim.

Referências

ARAÚJO; TEMÓTEO. Guedes diz que se todos ficarem em casa país 'entra em colapso'. **UOL**, 16/03/2020. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/16/guedes-diz-que-se-todos-ficarem-em-casa-pais-entra-em-colapso.htm>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

CAMPOREZ, Patrick. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?” diz Bolsonaro sobre o aumento de mortes por Covid. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 28 de abril de 2020. Disponível em:

<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-por-coronavirus,70003286434>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

CISCATI, Rafael. Covid-19: jovens de Belém ensinam prevenção com humor. **Brasil de Direitos**, 16 de abril de 2020. Disponível em:

<https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/579-covid-19-jovens-de-bel-em-ensinam-prevencao-com-humor>. Acessado em: Acesso em 27 de outubro de 2020

CANCIAN, Natália; LADEIRA, Pedro. Dejetos ficam a céu aberto em Belém, capital com menor rede de esgoto. **Folha de São Paulo**, 09/10/2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/10/dejetos-ficam-a-ceu-aberto-na-capital-com-menor-rede-de-esgoto.shtml>. Acesso em 27 de outubro de 2020.



SOARES, Marcelo. Dados do SUS revelam vítima-padrão de Covid-19 no Brasil: homem, pobre e negro. **Época**, 03/07/2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/dados-do-sus-revelam-vitima-padrao-de-covid-19-no-brasil-homem-pobre-negro-24513414>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

EXTRA com G1. Imagens mostram menino Miguel sozinho no elevador antes de morrer ao cair de prédio no Recife. **EXTRA**, 4 de junho de 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/imagens-mostram-menino-miguel-sozinho-no-elevador-antes-de-morrer-ao-cair-de-predio-no-recife-24462627.html>. Acesso em 06 de julho de 2020.

FANTÁSTICO. João Pedro mandou mensagem para mãe momentos antes de ser baleado: 'Estou dentro de casa. Calma'. **G1**, 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/joao-pedro-mandou-mensagem-para-mae-momentos-antes-de-ser-baleado-estou-dentro-de-casa-calma.ghtml>. Acesso em 7 de junho de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. O desvario de Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, 28 de março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/03/o-desvario-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em 05 de julho de 2020.

MENEZES, Karina. Dois anos após Chacina de Belém, periferia da capital paraense volta a sofrer com grupos de extermínio. **Revista Fórum**, 25 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/dois-anos-apos-chacina-de-belem-periferia-da-capital-paraense-volta-a-sofrer-com-grupos-de-extermio/>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

FOSTER, Hal. “Retornar ao real” (Entrevista concedida para Andrei Reina, 2019). **Revista Bravo**. Disponível em: <http://bravo.vc/seasons/s08e02>. Acesso em 30 de abril de 2020.

G1. Caso Miguel: como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife. **G1**, 5 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em 06 de julho de 2020.

G1. Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. **G1**, 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

G1 PA. Corpos de infectados pelo novo coronavírus são guardados em caminhão frigorífico em Belém. **G1 PA**, 24/04/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/04/24/corpos-de-vitimas-ou-casos-suspeitos-da>



covid-19-sao-guardados-em-caminhao-frigorifico-em-belem.ghtml. Acesso em 28 de outubro de 2020.

G1 PA. Corpos amontoados pelo chão do IML e longa fila de carros funerários retratam o colapso do Pará. **G1 PA**, 02/05/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/02/corpos-amontoados-pelo-chao-do-impl-e-longa-fila-de-carros-funerarios-retratam-o-colapso-do-para.ghtml>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

G1 Rio. O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ. **G1**, 20 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>. Acesso em 7 de junho de 2020.

G1 Sul do Rio e Costa Verde. "Conheça a história de vítimas da Covid-19 no Sul do Rio e Costa Verde". **G1**, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2020/05/19/conheca-a-historia-de-vitimas-da-covid-19-no-sul-do-rio-e-costa-verde.ghtml>. Acesso em 12 de outubro 2020.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro H.; VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**, 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em 12 de outubro de 2020.

HAJE, Lara. "Inpe confirma o aumento de quase 200% em queimadas no Pantanal entre 2019 e 2020". **Agência Câmara de Notícias**, 30 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/696913-inpe-confirma-aumento-de-quase-200-em-queimadas-no-pantanal-entre-2019-e-2020/>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016.

ILING, Sean. "Flood the zone with shit": How misinformation overwhelmed our democracy. **VOX**, atualizado em 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2020/1/16/20991816/impeachment-trump-bannon-misinformation>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

ÍNDIO cidadão?. Direção de Rodrigo Siqueira e equipe. Distrito Federal: 7G, Machado Filmes & TV Câmara, 2014. 1 DVD (52 min.). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/432678-indio-cidadao/>

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.



KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURE, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. n-1 edições, Textos, n. 008, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>. Acesso em 30 de abril de 2020.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. **Buala**, Abril, 2020. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/o-direito-universal-a-respiracao>. Acesso em 01 de junho de 2020.

O GLOBO. "Primas mortas por bala perdida em Duque de Caxias são enterradas sob forte comoção". **O Globo**, 05 de dezembro de 2020, atualizado em 06 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/primas-mortas-por-bala-perdida-em-duque-de-caxias-sao-enterradas-sob-forte-comocao-1-24783479>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Tori. "Professora cria projeto de artes para combater a violência". **Revista Nova Escola**, maio de 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17043/professora-cria-projeto-de-artes-para-combater-a-violencia>. Acesso em 27 de outubro de 2020.

PONTES, Nádia. Covid-19 lota hospitais e gera colapso funerário em Belém. **DW Brasil**, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-19-lota-hospitais-e-gera-colapso-funerario-em-belém/a-53278521>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

POVINELLI, Elizabeth A. "Geontologies: the concepts and its territories". **e-flux journal #81**, April 2017. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/81/123372/geontologies-the-concept-and-its-territories/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

PRECIADO, Paul. **Aprendendo com o vírus**. São Paulo: n-1 edições, Textos, n. 007, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/007>. Acesso em 01 de junho de 2020.

QUIJANO, Aníbal. "¡Qué tal raza!". **Ecuador Debate**, n. 48, 1999. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/5724/1/RFLACSO-ED48-09-Quijano.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2020.



REES, Tobias. “From The Anthropocene To The Microbiocene. The novel coronavirus compels us to rethink the modern concept of the political”. **Noema**, June 10, 2020. Disponível em: <https://www.noemamag.com/from-the-anthropocene-to-the-microbiocene/>. Acesso em 25 de setembro de 2020.

RJ2. Conheça alguns mortos pelo novo coronavírus no RJ. **G1**, 27 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/27/saiba-quem-sao-os-mortos-pelo-novo-coronavirus-no-rj.ghtml>. Acesso em 06 de julho de 2020.

ROMAN, Clara. Covid-19 pode contaminar 40% dos Yanomami cercados pelo garimpo ilegal. **Amazônia política e informação**. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2020/06/covid-19-pode-contaminar-40-dos-yanomami-cercados-pelo-garimpo-ilegal/>). Acesso em 27 de outubro de 2020.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SCHUCH, Matheus. Com 941 mortos por Covid-19 no país, Bolsonaro vai à padaria tomar refrigerante. **Valor Econômico**, Brasília, 09 de abril de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/09/com-941-mortos-por-covid-19-no-pais-bolsonaro-vai-a-padaria-tomar-refrigerante.ghtml>; acessado em 27 de outubro de 2020.

SEGATO, Rita; WRIGHT, Pablo. **La incómoda materialidad indispensable** (*live*). Universidad Nacional de San Martín. Argentina, 19/06/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/unsamoficial/videos/3005478872864970/>

SEVERI, Carlo; Lagrou, Els (Orgs.). **Quimeras em diálogo: grafismo e figuração na arte indígena**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SILVA, José Cícero da. Na ausência do Estado ativistas informam a periferia sobre o coronavírus. **A pública**, 1º de abril de 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/na-ausencia-do-estado-ativistas-informam-a-periferia-sobre-o-coronavirus>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

TSING, Anna. “Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras”. **Ilha**, v. 17, n. 1, jan.-jul. 2015, p. 177, 201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177/30606>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

ÚLTIMO SEGUNDO. “Jean Wyllys se diz orgulhoso por cuspidas em Bolsonaro: “Foram anos de assédio””. **Último Segundo - IG**, São Paulo, 12 de abril de 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-04-12/jean-wyllys-se-diz-orgulhoso-por-cuspidas-em-bolsonaro-foram-anos-de-assedio.html>; acesso em 27 de outubro de 2020.



VILAÇA, Aparecida. **Morte na floresta: um ensaio seminal sobre o contágio dos povos indígenas no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Reprodução de aula pública: Os involuntários da pátria." **Aracê—direitos humanos em revista**, 4.5 (2017): 187-193. Disponível em: <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/140/75>. Acesso em 28 de outubro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todas as integrantes do grupo de estudos e do Laboratório de Design e Antropologia da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LaDA-ESDI/UERJ) por seu apoio, pelas leituras atentas e pelo compromisso com a publicação deste texto. Agradecemos ao fotógrafo Joédson Alves pela autorização do uso da imagem de sua autoria no Gesto 3, assim como a todos os fotógrafos, fotógrafas e *websites* que generosamente concordaram com o uso de suas imagens. Agradecemos a Lilia Melo, professora da Escola Pública Brigadeiro Fontenelle, por tornar possível a pesquisa com os jovens da Terra Firme.

ⁱ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPDESDI/UERJ); bibianaoserpa@gmail.com

ⁱⁱ Doutoranda no PPDESDI/UERJ; clara@clarameliande.com

ⁱⁱⁱ Doutoranda no PPDESDI/UERJ; ilanapaterman@gmail.com

^{iv} Doutoranda no PPGSA/IFCS-UFRJ; juliasaearp@gmail.com

^v Doutoranda no PPDESDI/UERJ; paula.poc@gmail.com

^{vi} Doutoranda no PPDESDI/UERJ; samia79@gmail.com

^{vii} Doutora em Antropologia; Professora Adjunta, Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; zoy@esdi.uerj.br

^{viii} Autora principal do Gesto: Zoy Anastassakis.

^{ix} Este texto foi escrito entre março e dezembro de 2020. Dados e referências remetem a esse período.

^x Autora principal do Gesto: Clara Meliande.

^{xi} Autora principal do Gesto: Paula de Oliveira Camargo.

^{xii} Autora principal do Gesto: Julia Sá Earp.

^{xiii} O ato pode ser assistido na íntegra no Youtube ou em partes no documentário: **ÍNDIO cidadão?** (Rodrigo Siqueira e equipe).

^{xiv} Autora principal do Gesto: Bibiana Serpa.

^{xv} Autora principal do Gesto: Ilana Paterman Brasil.

^{xvi} Autora principal do Gesto: Sâmia Batista.



^{xvii} Gesto coletivo.